



Cartilha para a Equipe de Enfermagem no Acolhimento de Pessoas Trans

© Copyright 2024. Centro Universitário São Camilo.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
*Cartilha para a Equipe de Enfermagem
no Acolhimento de Pessoas Trans*

Centro Universitário São Camilo

Reitor

João Batista Gomes de Lima

Vice-Reitor e Pró-Reitor Administrativo

Francisco de Lélis Maciel

Pró-Reitor Acadêmico

Carlos Ferrara Junior

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenadora Editorial

Bruna San Gregório

Analista Editorial

Cintia Machado dos Santos

Assistente Editorial

Bruna Diseró

ORGANIZADORA:

Gabriela Sousa da Silva

AUTORES

Caroline Terrazas

Gabriela Sousa da Silva

Rafael Luiz de Souza

C315

Cartilha para a equipe de enfermagem no acolhimento / Gabriela
Sousa da Silva (Org.). -- São Paulo: Setor de Publicações - Centro
Universitário São Camilo, 2024.

18 p.

Vários autores

ISBN 978-65-86702-86-6

1. Transgênero 2. Assistência de enfermagem 3. Acolhimento I. Silva,
Gabriela Sousa da II. Título

CDD: 610.73

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Lucia Pitta

CRB 8/9316



É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DE TEXTOS,
SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO.



A elaboração desta cartilha é parte de um projeto de Iniciação Científica desenvolvido pelos estudantes do curso de Graduação de Enfermagem, Gabriela Sousa da Silva e Rafael Luiz de Souza, orientados pela Prof.^a Dr^a Caroline Terrazas, no Centro Universitário São Camilo.

O intuito desse material é apoiar didaticamente a Equipe de Enfermagem no acolhimento a pessoas trans e travestis que buscam atendimento na Clínica Escola - PROMOVE.

O conteúdo presente contém conceitos básicos sobre gênero e sexualidade e políticas públicas direcionadas a essa população.

Vale reforçar que o acolhimento dessa população em serviços de saúde deve ser de maneira humanizada e integral.

Introdução

O que é LGBTQIAP+

LGBTQIAP+ é uma sigla/termo guarda-chuva para pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. Sua fundamentação vem de movimentos sociais que, ao longo de décadas, conquistaram direitos sociais diante da marginalização social que enfrentaram e ainda enfrentam até os dias atuais. Entre as décadas de 1980 e 1990, ocorreram movimentos sociais para reivindicar os direitos de pessoas Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), e também Bissexuais e Transexuais (SANTOS, 2018).

A partir dos anos 2000, a sigla “L” se tornou a primeira do termo guarda-chuva LGBT, com o objetivo de dar visibilidade às mulheres lésbicas. Além disso, novas letras foram acrescentadas no movimento. A seguir descrevemos o que cada letra significa:

L **Lésbicas:** designa as mulheres, cis ou trans, que sentem atração por outras mulheres, cis ou trans, de forma romântica ou sexual.

G **Gays:** corresponde aos homens, cis ou trans, que se sentem atraídos por outros homens, cis ou trans, de forma romântica ou sexual.

B **Bissexuais:** diz respeito às pessoas que se relacionam romântica ou sexualmente com indivíduos de ambos os sexos/gêneros.

T **Transexuais e Travestis:** a transexualidade se refere aos indivíduos que se identificam com o gênero que se distingue do sexo designado ao nascer. Travestis são indivíduos que se identificam com o feminino, não necessariamente passando por procedimentos cirúrgicos e/ou hormonização.

Q **Queer:** trata-se, em si, de uma designação tida como “guarda-chuva”, funcionando como um termo que abrange todos da comunidade que não desejam ou não se veem dentro das demais designações.

I **Intersexo:** abarca as pessoas que têm desígnios sexuais (órgãos, hormônios e cromossomos masculinos e femininos) de ambos os sexos.

A **Assexuais:** nomeiam indivíduos que não possuem qualquer tipo de atração sexual pelas demais pessoas, sejam sujeitos do mesmo gênero/sexo ou indivíduos opostos.

P **Pansexuais:** é a orientação sexual que designa as pessoas que desenvolvem atração romântica e sexual pelos demais indivíduos, independentemente da identidade de gênero destes.

+ **Mais:** corresponde a outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que são abraçadas pela sigla, além de representar a abertura para futuras inserções de novas orientações e identidades, demonstrando uma infinidade plural e diversa diante do espectro romântico, sexual e de gênero da humanidade.

Gênero x Sexualidade

Gênero é uma categoria social construída de forma comunitária, histórica e cultural. Sua construção envolve não apenas as diferenças corporais, mas também a forma como atribuímos significado a essas diferenças, que inicialmente são associadas ao sexo. Indivíduos são categorizados dentro do gênero, e a partir dessa categorização os estereótipos de gênero, os marcadores sociais: as roupas, a forma de se portar, os lugares que frequentam e até mesmo os tipos de violência que enfrentam (BEAUVOIR, 1980).

Sexo é como chamamos os órgãos reprodutivos internos e externos. No entanto, se uma pessoa nasceu com órgãos sexuais ditos como masculinos, não significa automaticamente que ela será naturalmente do gênero masculino. A sociedade impõe esse destino a ponto de nos parecer não natural alguém não seguir esse percurso. Essa categorização hierarquiza as relações, criando estruturas de poder e uma desigualdade muito difícil de ser quebrada (BUTLER, 2003).

Sexualidade é um aspecto central do ser humano. Ao longo da vida, ela abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2024).



Binaridade de Gênero

A binaridade de gênero é uma categorização de expressões, formas de se vestir e portar que causam problemas estruturais em nossa sociedade, como violência de gênero, reforços à uma masculinidade tóxica, entre outros problemas de gênero (BUTLER, 2019).

Enxergar o mundo de forma binária, dividida entre homem e mulher de forma extrema e imutável marginaliza pessoas que não conseguem se enquadrar dentro desses padrões, gerando ansiedades que podem evoluir para graves distúrbios mentais.

Nome Social

Nome social é o nome com o qual uma pessoa quer ser tratada, independentemente do motivo (que pode estar relacionado à sua identidade de gênero ou não) e aos registros civis.

No serviço de saúde, é dever da equipe tratar a pessoa com o nome e pronomes que ela escolheu. Esse nome deve constar em todos os seus registros para garantir que não haja constrangimento de divergências entre nome social e nome do registro civil.

O nome civil não deve ser tornado público, pois o uso do nome social é imprescindível e é a forma mais facilitada de tornar viável o acesso dessa população aos serviços de forma integral e não estigmatizante.



A close-up photograph of a person's open palm, facing upwards. The palm is painted with the colors of the Transgender flag: a light blue horizontal stripe at the top, followed by a white stripe, a red stripe, a dark red stripe, and another light blue stripe at the bottom. The background is a solid light pink color.

Pessoas Trans

Transexualidade é um termo para designar pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer e que buscam uma identidade de gênero contrária àquela que lhes foi inicialmente designada. Essa busca pode envolver transformações corporais e hormonais, mas também pode ocorrer sem essas intervenções específicas.

Travesti é uma construção identitária latino-americana, extremamente marginalizada e associada a estereótipos negativos, sendo erroneamente vinculada à prostituição, exibicionismo e comportamentos considerados "imorais". Erroneamente, também costuma ser associada a mulheres trans que não passaram por redesignação sexual. Travesti é uma identidade de gênero dentro do espectro feminino e que responde por pronomes femininos (ANDRADE; ANDRADE, 2017).

Processo Transexualizador

É importante destacar que a transformação corporal e hormonal não é algo obrigatório para pessoas trans. O indivíduo pode se identificar com determinado gênero sem necessariamente transformar um órgão ou retirá-lo.

O Processo Transexualizador (PT) envolve um complexo de serviços/ cuidados assistenciais oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) direcionado à atenção a transexuais e travestis que desejam realizar mudanças físicas corporais e da função de suas características sexuais (ANDRADE; ANDRADE, 2017).

No Brasil, o Processo Transexualizador no âmbito do SUS (PTSUS) foi instituído pelo Ministério da Saúde em 2008, por meio das Portarias nº 1.707 e nº 457. A partir disso, os procedimentos transgenitalizadores puderam ser incluídos na tabela de procedimentos do SUS. Nesse momento, eram compreendidas como usuárias com demanda para o PTSUS, apenas mulheres trans (ROCON *et al.*, 2019).

Em 2013, a Portaria nº 1.707/2008 foi revogada pela Portaria nº 2.803/2013. Com essa mudança, o perfil das/os usuárias/os que teriam direito ao Processo Transexualizador via SUS foi ampliado. Passaram a ter direito ao processo via SUS, também, homens trans e as travestis, representando um importante avanço no campo dos direitos em saúde da população trans.

Acolhimento de enfermagem para pessoas trans

O acolhimento de pessoas trans na enfermagem é essencial e exige uma abordagem holística e detalhada, indo além das necessidades básicas de saúde, considerando as complexidades individuais dessa população. Esse processo envolve a prestação de cuidados médicos diretos. Além disso, inclui a criação de um ambiente inclusivo e sensível às especificidades de cada paciente.



1. Abordagem Integral e Personalizada

O profissional de enfermagem deve adotar uma perspectiva integral da saúde ao realizar o acolhimento de pessoas trans. Em vez de se limitar a aspectos específicos, como o rastreamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou questões relacionadas à hormonização e cirurgias, o enfermeiro deve considerar todas as dimensões da saúde do paciente. Isso inclui, mas não se restringe a:

- **Cuidados Preventivos e Diagnósticos:** A administração de vacinas de acordo com o calendário vacinal atualizado e as necessidades individuais do paciente. A realização de testes rápidos e sorologias para monitorar a presença de infecções, bem como o rastreamento de condições que podem afetar a saúde geral, como diabetes e hipertensão.
- **Acompanhamento de Medicações e Tratamentos:** O monitoramento das medicações utilizadas, particularmente aquelas relacionadas à hormonização e outras terapias específicas. É essencial garantir que o paciente esteja ciente dos efeitos colaterais, interações medicamentosas e a necessidade de ajustes na dosagem.
- **Transformações Corporais:** A gestão das transformações corporais, como cirurgias de afirmação de gênero, requer um acompanhamento contínuo para monitorar a recuperação e a integração de novas práticas de autocuidado.
- **Rastreamento Oncológico:** O acompanhamento proativo em relação a rastreamentos oncológicos, como mamografias e exames de próstata, com base no histórico clínico e nas diretrizes específicas para pessoas trans.

2. Sensibilidade e Respeito pela Identidade de Gênero

A abordagem de enfermagem deve ser caracterizada por um profundo respeito pela identidade de gênero do paciente. Isso inclui:

- **Uso Correto de Nome e Pronomes:** O enfermeiro deve usar o nome e os pronomes escolhidos pelo paciente, garantindo que a comunicação seja respeitosa e alinhada com a identidade de gênero da pessoa.
- **Privacidade e Confidencialidade:** Manter a privacidade das informações do paciente e garantir que as questões relacionadas à identidade de gênero sejam discutidas com a máxima discrição.
- **Educação e Sensibilização:** O enfermeiro deve estar bem informado sobre as questões que afetam a saúde de pessoas trans, incluindo os desafios específicos que podem surgir em relação ao estigma social, à discriminação e à saúde mental.



3. Promoção de um Ambiente Acolhedor

Criar um ambiente de cuidado acolhedor e inclusivo é fundamental para a experiência de saúde das pessoas trans. Isso pode ser alcançado por meio de:

- **Treinamento Continuado:** Investir em programas de treinamento contínuo para os profissionais de saúde, focados na inclusão de pessoas trans e no tratamento das necessidades específicas dessa população.
- **Espaços Acolhedores:** Garantir que as instalações de saúde sejam acessíveis e que o ambiente físico e administrativo reflita a inclusão e o respeito pelas identidades trans. Isso pode incluir o uso de linguagem inclusiva, a disponibilização de materiais informativos apropriados e a criação de espaços que promovam o conforto e a segurança do paciente.

4. Envolvimento da Comunidade e Defesa de Direitos

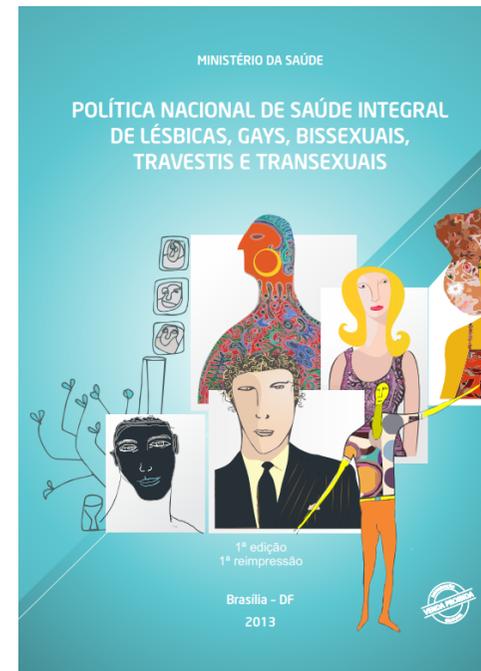
Os profissionais de enfermagem também desempenham um papel importante na defesa de direitos e no envolvimento com a comunidade trans. Isso inclui:

- **Parcerias Comunitárias:** Colaborar com organizações comunitárias e grupos de apoio para entender melhor as necessidades da população trans e para promover a melhoria contínua dos serviços de saúde oferecidos.
- **Defesa de Políticas Públicas:** Participar na elaboração e na promoção de políticas públicas que melhorem o acesso à saúde e a qualidade de vida para pessoas trans, garantindo que suas necessidades sejam representadas e atendidas adequadamente.

Para mais informações, busque:



PROTOCOLO PARA O ATENDIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL LGBT



Conclusão

O acolhimento de pessoas trans na enfermagem deve ser um processo integral e sensível, que vai além do atendimento médico básico para englobar todas as dimensões da saúde e do bem-estar do paciente. O objetivo é proporcionar um cuidado que seja não apenas clínico, mas também respeitoso e inclusivo, garantindo que as pessoas trans recebam o suporte necessário para viver uma vida saudável e satisfatória. Por meio de uma abordagem holística e da promoção de um ambiente acolhedor, os profissionais de enfermagem podem contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida dessa população.



Bibliografia Consultada

ANDRADE, T. O. C.; ANDRADE, P. A. R. Processo Transexualizador no SUS: Um mecanismo de garantia da inclusão e plena dignidade de transgêneros e travestis. ANAIS DO ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO, v. 7, n. 1, 2017 [Santos, SP]. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/ENPG/article/view/1104>. Acesso em: 29 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 20 nov. 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html. Acesso em: 26 agosto 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 dez. 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html Acesso em: 26 agosto 2023.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: A Experiência Vivida. 2 ed, Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980. 936 p.

BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições; 2019. 400 p.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003. 237 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Geneva, c2024. Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acesso em: 29 maio 2024.

ROCON, P. C. et al . *Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde*. Interface: comunicação, saúde, educação. Botucatu, SP, v. 23, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KfsPfjt3kBvPky8CVcSy5wL/>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTOS, L. F. S. *História do movimento LGBT brasileiro: interpretações sobre a dinâmica política da relação entre o movimento social e o Estado*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração Pública) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/39422>. Acesso em: 29 maio 2024.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Saúde. *Protocolo para o cuidado integral à saúde de pessoas trans, travestis ou com vivências de variabilidade de gênero no município de São Paulo*, 2 ed., jun. 2023. 374 p.



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SÃO CAMILO